

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

**A VOZ NAS MÃOS: A FALTA DE ACESSIBILIDADE PARA SURDOS NA
TELEVISÃO**

GIULIA GONÇALVES DE ARRUDA

SÃO PAULO

2º/2021

GIULIA GONÇALVES DE ARRUDA

**A VOZ NAS MÃOS: A FALTA DE ACESSIBILIDADE PARA SURDOS NA
TELEVISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a **UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE** como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Jornalismo Orientador: Prof. Dr. José Maurício Conrado Moreira da Silva.

SÃO PAULO

2º/2021

RESSALVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

QR CODE



LINK

<https://youtu.be/Mum8rQMjNqU>

DATA: 23/11/2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, minha maior inspiração de profissional e ser humano, por ter sempre sido uma referência para mim em sua luta diária para que a comunidade surda conquistasse seu espaço e seus direitos.

Agradeço ao meu pai por nunca ter duvidado sequer uma vez das minhas escolhas e ter apoiado todas elas para que hoje eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço ao Diretório Acadêmico de Comunicação e Letras, à Associação Atlética Acadêmica de Comunicação e Artes e à Comissão de Formatura 318 Comunica por terem me proporcionado as melhores e mais intensas experiências e terem me formado como profissional. Agradeço principalmente aos meus amigos que fiz durante esses 4 anos. Foram a base necessária para que eu pudesse viver momentos inesquecíveis e o combustível nos momentos que mais precisei durante todo esse percurso.

Agradeço aos professores que, com muita resiliência, ainda insistem nessa profissão tão desvalorizada no Brasil com o propósito de formar profissionais e cidadãos melhores. Um agradecimento especial ao meu orientador José Maurício, que acompanhou, mesmo que neste período de isolamento social, todo esse processo e pôde me auxiliar e acalmar com maestria.

Também agradeço particularmente à Fernanda Mazza, Lenize Vilaça, Márcia Detoni e Vanderlei Dias que me acompanharam durante o curso e me marcaram mostrando as melhores faces do jornalismo, da língua portuguesa e da educação.

Agradeço a todos os amigos e familiares que me motivaram e me deram todo o suporte necessário não só no presente trabalho, mas em todo o curso.

Agradeço a todos aqueles que dedicam suas vidas em prol da visibilidade e dos direitos de minorias invisibilizadas e muitas vezes deixadas de lado. Em especial à eterna Marília Mendonça que abriu portas para que as necessidades dos surdos pudessem ser vistas e até mesmo virassem pauta no horário nobre da televisão.

RESUMO

Atualmente, apesar dos grandes avanços de acessibilidade e inclusão na sociedade brasileira, a comunidade surda ainda não é contemplada na programação da maioria das grandes emissoras do Brasil. Descumprindo as leis ou apenas realizando as obrigações mínimas, a imprensa televisiva não é acessível em sua maioria. Esse trabalho tem o objetivo de entender os desafios de membros da comunidade surda em se informarem na sua primeira língua – a Libras. Para isso, mostraremos emissoras que trabalham e com uma programação acessível e buscaremos entender quais são os motivos de todas ainda não terem a janela de libras na programação. Procuramos entender onde os surdos costumam se informar. Os diferentes pontos de vista da problemática construíram o documentário “A Voz nas mãos”.

Palavras-chave: Surdez. Televisão. Acessibilidade.

ABSTRACT

Currently, despite major advances in accessibility and inclusion in Brazilian society, the deaf community is still not included in the programming of most major broadcasters in Brazil. By not complying with the laws or just carrying out the minimum obligations, the television press is not accessible for the most part. This final paper aims to understand the challenges of deaf community members in getting informed in their first language – Libras. For this, we will show stations that work and with accessible programming and we will try to understand what are the reasons why they all still do not have the pounds window in their programming. We try to understand where the deaf usually get information. The different points of view of the issue created the documentary “A Voz nas Mãos”.

Keywords: Deafness. Television. Accessibility.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Referencial Teórico.....	13
1.1. A surdez.....	13
1.1.1. Sobre a Língua Brasileira de Sinais.....	13
1.1.2. Sobre a educação do surdo.....	14
1.1.3. Sobre o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras.....	15
1.1.4. A Televisão Brasileira e a acessibilidade em sua programação.....	15
1.1.5. O uso da janela de Libras nos canais de televisão.....	16
1.2. Documentário.....	16
1.3. Linguagem retórico-argumentativa.....	17
1.4. Jornalismo humanizado.....	17
2. Desenvolvimento da peça.....	19
3. Considerações finais.....	23
4. Referencial bibliográfico.....	25
5. Apêndice I – Autorizações de uso de imagens.....	28

INTRODUÇÃO

TEMA

Quase 10 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência auditiva no Brasil (BRASIL, 2010). Para a maior parte dessas pessoas, a Libras é a primeira língua de alfabetização e de comunicação dentro da comunidade surda. A Língua Brasileira de Sinais é a segunda oficial do Brasil desde 2002, quando foi autorizada a Lei nº 10.436 por Fernando Henrique Cardoso (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2002, online).

Desde a lei que regulariza a Língua Brasileira de Sinais foi aprovada, em 2002, vários progressos aconteceram para a comunidade surda. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo lançou em 2018 um currículo bilingue para surdos com o intuito de “(...) aperfeiçoar as premissas de uma educação bilingue para os estudantes surdos (...) a fim de que os estudantes surdos construam conhecimentos sobre sua primeira língua, LIBRAS (...)”. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2019). O currículo não marca somente a educação, mas é a construção de uma nova geração de surdos engajados e a par de todo conhecimento necessário de sua primeira língua.

Apesar de ter conquistado um grande espaço, a comunidade surda ainda não é 100% incluída no cotidiano brasileiro. A portaria nº 310, de junho de 2006, do Ministério das Comunicações, determina “recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão”. Apesar disso, muitos veículos de comunicação ainda não adotaram à norma governamental, que previa um aumento gradativo da inclusão da janela de Libras nos veículos até 2020. O prazo estipulado foi vencido e a inclusão completa ainda é uma realidade distante.

Os principais jornais da Globo, SBT, Record e Band, maiores emissoras de televisão aberta do país em números de audiência, não são adeptos ao uso da janela de Libras, que tem como função a interpretação simultânea do conteúdo para a Língua Brasileira de Sinais. Atualmente, a única grande emissora que tem intérprete em seus jornais é a TV Cultura, que pertence ao Governo do Estado de São Paulo. Além da janela de Libras em jornais, a TV Cultura tem intérpretes em outros destaques de sua programação, como desenhos e o programa de entrevistas *Roda Viva*. As outras

emissoras, por sua vez, contam com o recurso apenas em intervalos da programação, quando divulgam a classificação indicativa dos programas, ato obrigatório por lei.

Além da falta de visibilidade e do descumprimento da determinação de inclusão, ainda é comum a utilização de diversos termos pejorativos e colocações erradas nas reportagens audiovisuais de grandes emissoras. O termo Surdo-mudo, por exemplo, é amplamente divulgado e seu uso é, na maioria das vezes, incorreto.

A maioria dos surdos têm as cordas vocais em perfeito funcionamento, portanto, são minorias os surdos que também são mudos. Muitas pessoas surdas não falam porque não aprenderam a falar. Alguns surdos falam, são os surdos oralizados, que desenvolveram a fala através de um trabalho com fonoaudiologia (...) (CRISTIANO, 2018, online).

O termo “Linguagem de sinais” também é utilizado por grandes emissoras. Erros básicos distanciam os veículos do público surdo, que não se sente contemplado e representado por quem está transmitindo a notícia.

Devido à ausência de conteúdos inclusivos na imprensa tradicional e aos avanços da tecnologia no mundo globalizado, as redes sociais começaram a suprir a necessidade do público surdo de consumir conteúdos que falem sua primeira língua. A rede social *Facebook* incluiu em 2017 o recurso de *Closed Caption* (LAHIRI; WIELAND. 2017. Online.). A nova rede social *TikTok*, apesar de disponibilizar diversos efeitos sonoros, é uma grande aliada da inclusão. Diversas contas surdas são populares na rede e instruem o público ouvinte aos termos corretos, ensinam sinais em Libras e apresentam o cotidiano surdo.

Se por um lado a produção de conteúdo para deficientes auditivos é falha e não segue a legislação, por outro é possível enxergar a comunidade se reinventando ao começar a produzir os próprios conteúdos para que possam obter notícias em sua língua natal.

Este projeto é um documentário realizado como forma de análise e explicação de como é feita a acessibilidade para surdos na televisão, o quanto isso é colocado em prática hoje em dia e quais são as alternativas para esse público consumir um conteúdo acessível. Além disso, o documentário tem o objetivo de ser um produto acessível e inclusivo para a comunidade surda

O trabalho busca responder a seguinte pergunta-problema: “De que maneira a televisão trabalha com acessibilidade para o público surdo?”. Seu objetivo principal é descobrir como a televisão trata a questão da acessibilidade para o público surdo.

Por sua vez, os objetivos secundários do projeto são: buscar entender as formas de acessibilidade audiovisuais; apurar as emissoras de televisão que trabalham com a janela de Libras; compreender o papel que as redes sociais e os veículos digitais conquistaram no lugar dos veículos tradicionais para esse público; estudar e entender as necessidades e preferências dessa minoria no consumo de notícias e informações; estudar a produção de um documentário em vídeo e o colocar em prática o recurso da janela de Libras como parte do projeto.

A necessidade de inclusão do público surdo é cada dia maior e, apesar da visibilidade estar crescendo, ainda é um assunto pouco tratado na grande mídia, que além de não falar sobre o assunto, não cumpre o que é determinado por lei.

A escolha do tema também é dada pela proximidade com o assunto durante toda minha vida. Minha progenitora é especialista em educação para surdos e foi uma das desenvolvedoras do Currículo Bilingue de LIBRAS e do Currículo da Cidade de Língua Portuguesa para Surdos. A convivência com a comunidade surda é algo normal para mim e dela, surgiu o questionamento da pergunta-problema deste trabalho.

Portanto, um documentário em vídeo foi realizado, com o intuito de entender se os veículos de comunicação trabalham para incluir a comunidade surda na sua grade de programação e como isso é realizado.

Este trabalho de TCC foi realizado com um levantamento bibliográfico sobre o tema com a leitura de arquivos, livros e documentários e para a realização da parte prática peça, um documentário em formato audiovisual, foi primordial o contato com fontes especialistas em surdos, bem como a representação de personagens deficientes auditivos. O contato com emissoras de televisão também foi necessário, apesar do retorno ter sido somente por parte da TV Cultura.

O documentário é composto por histórias que mostram a realidade da comunidade surda no consumo de notícias e expõe a reinvenção da produção de conteúdo para esse público específico no universo virtual. Esses temas são retratados por meio de entrevistas, imagens de apoio e contados por meio de uma narrativa que expõe a necessidade da acessibilidade.

Por fim, foi utilizado um intérprete da Língua de Sinais Brasileira para que o produto estivesse de acordo com a lei, apresentando o uso correto da janela de Libras, e, mais do que isso, para que o documentário pudesse dar voz, mesmo que por meio das mãos, à comunidade que é diariamente esquecida e invisibilizada pelas emissoras de televisão e por grande parte da população.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A surdez

“A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, online). Apesar da definição ampla, é possível verificar a existência de diferentes tipos de surdez, variáveis de acordo com o tamanho da perda de audição.

De acordo com o livro *Saberes e práticas da Inclusão*, lançado pelo então Ministro da Educação Fernando Haddad, a área da saúde e da educação dividem os deficientes auditivos em duas categorias.

Os parcialmente surdos, divididos entre surdez leve e moderada, que podem ter perda auditiva de até 40 e 60 decibéis, respectivamente. Esse valor inviabiliza a percepção de alguns fonemas e até de palavras, dependendo do tamanho da perda.

Os surdos podem ser divididos entre pessoas com surdez severa, que são os que apresentam perda entre 70 e 90 decibéis e surdez profunda, que é diagnosticada em caso de perdas maiores que 90 decibéis. Em ambos os casos a Língua de Sinais é a mais utilizada e recomendada, já que a oralização do indivíduo está comprometida devido à sua falta de capacidade de percepção de sons.

O termo surdo é o mais utilizado e defendido por essas pessoas, por fortalecerem a comunidade surda e considerarem que “deficiente auditivo” é capacitista. “Atualmente, muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdo” se refere ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, online).

1.1.1 Sobre a Língua Brasileira de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida em 2002 como a segunda Língua oficial do Brasil, na Lei nº 10.436, de 24 de abril. O projeto era da então senadora Benedita da Silva (PT-RJ) e foi aprovado no Congresso e sancionado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (PRADO; ORTEGA, 2019, Online).

A Libras não é utilizada por todos os deficientes auditivos, mas é a primeira língua de muitos surdos desde a sua educação básica até o final de sua formação, tornando o seu instrumento principal de comunicação no seu dia a dia.

Desde o reconhecimento oficial da Língua, alguns avanços legais aconteceram para a comunidade. Um projeto criado pela deputada Maria do Rosário (PT- RS) que regulamenta a profissão de intérprete de Libras foi sancionado em 2010 e em 2015, o acesso de surdos e/ou deficientes auditivos à educação, saúde e serviços básicos foi facilitado após a presidente Dilma Rousseff (PT) sancionar a LEI Nº 13.146, que institui a criação do Estatuto da Pessoa com Deficiência (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2015, online).

1.1.2 Sobre a educação do surdo

Até o século XVIII a educação do surdo era marginalizada e em muitos lugares trabalhada com a tentativa falha de oralização, banalizando a existência de uma língua própria para essas pessoas. Foi nesse período que o Abade Charles Michel de l'Épée propôs e defendeu a ideia de que uma língua falada com as mãos facilitaria o entendimento da língua francesa para os surdos. Foi a partir da comprovação de sua tese que l'Épée fundou a primeira escola pública para surdos no mundo. (BERNARAB; OLIVEREIRA. 2007, online).

Apesar disso, o reconhecimento da Língua de sinais só começou a acontecer no século XX, a partir de estudos da Língua Americana de Sinais (LACERDA; NAKAMURA; LIMA, 2000, online). Desde que a Libras se tornou uma língua oficial no Brasil, a educação para os surdos vem sendo aprimorada e aos poucos divulgada.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo lançou em 2018 um Currículo bilíngue Português-Libras a fim de elevar, padronizar e humanizar o ensino para surdos. Atualmente, São Paulo conta com 6 escolas municipais bilíngues para surdos, as chamadas EMEBS. Nelas, os alunos surdos têm a oportunidade de serem alfabetizados em sua primeira Língua, a Libras, mas também em português, língua utilizada na modalidade escrita.

1.1.3 Sobre o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras

Desde 2005, com o Decreto Nº 5.626 assinado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é dever das empresas de poder público assegurarem a acessibilidade de pessoas surdas, seja utilizando a Língua Brasileira de Sinais ou contratando alguém que realize a tradução.

Art. 26. O Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, deverão garantir às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o seu efetivo e amplo atendimento, por meio do uso e da difusão da Libras e da tradução e da interpretação de Libras - Língua Portuguesa. (Redação dada pelo Decreto nº 9.656, de 2018). (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2006, online).

As emissoras de televisão, por se tratarem de empresas públicas ou que tem permissão de serviços públicos, portanto, entram na obrigatoriedade desse decreto. Apesar disso, o decreto não é colocado em prática e a interpretação da programação para a Língua brasileira de sinais é mínima perante a grande grade de programas e noticiários.

1.1.4. A Televisão Brasileira e a acessibilidade em sua programação

A televisão é uma

fonte inesgotável de entretenimento e informação, utiliza-se de uma linguagem simples, que pode ser entendida por indivíduos de qualquer meio. Qualquer pessoa consegue entender a signagem da televisão quase em sua totalidade, embora cada indivíduo possa entendê-la de modo diferente. (JESUS; RESENDE, 2013, online).

Apesar de ter o objetivo de incluir e de trabalhar com uma linguagem fácil e acessível, na verdade a televisão brasileira não consegue ser entendida por todos.

Isso porque no Brasil as principais emissoras de televisão abertas não são inclusivas com a comunidade surda e não trabalham com intérprete de libras na maior parte da sua programação.

Algumas são as formas de incluírem a comunidade surda, como o uso de intérpretes ao vivo na programação jornalística e o uso da janela de Libras na programação gravada, mas é notória a falta de interesse por parte das emissoras de não terem gastos com acessibilidade. O grande ponto disso é que nem o que é obrigatório por lei é cumprido por algumas dessas empresas.

1.1.5 Sobre o uso da janela de Libras nos canais de televisão

A janela de Libras é quando um intérprete traduz o que está sendo falado em qualquer programa de televisão para a língua brasileira de sinais. De acordo com a NBR 15.290 é o “espaço delimitado no vídeo onde as informações veiculadas na língua portuguesa são interpretadas para LIBRAS”.

Em setembro de 2020 a deputada Tereza Nelma (PSDB-AL) apresentou um projeto de Lei 4578/20, obriga as emissoras de TV aberta a ter janela com intérprete de Libras em todos os programas de notícias. A ideia da proposta é “permitir que as pessoas com deficiência auditiva possam se informar adequadamente e exercer sua cidadania com autonomia” (NELMA, 2020, online).

Apesar do Estatuto da Pessoa com Deficiência já determinar a utilização de intérprete de Libras na programação, ele não apresenta muitos detalhes sobre a regra, que acaba sendo interpretada da maneira que os canais de televisão desejarem. Desta forma, atualmente, a TV Cultura é a única que disponibiliza a janela de Libras em quase toda sua programação, incluindo noticiários, já que é uma emissora pública e não privada.

1.2. Documentário

O documentário é um formato de gravação de curtas e longa metragens que tem como objetivo mostrar uma visão sobre alguma situação, realidade ou fato.

Se o documentário fosse uma *reprodução* da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução de realidade, é uma *representação* do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados sejam familiares. (NICHOLS, 2005 p. 47)

A escolha desse formato como peça para realização do trabalho de conclusão de curso foi dada exatamente pela necessidade de representar essa realidade que muitos não se depararam. A visão dos surdos será representada por meio do documentário e, terá o objetivo de se depararem com uma nova visão sobre a pauta da acessibilidade, que dificilmente é retratada e questionada por ouvintes. Junto com a linguagem e a abordagem, esse tipo de produto agregará na composição da peça final.

1.3. Linguagem retórico-argumentativa

A retórica, em conjunção à linguagem argumentativa dá ao texto jornalístico um poder de convencimento ao leitor ou expectador de certo olhar ou ponto de vista de determinada situação. “O discurso retórico se configura pela intenção de persuadir um auditório que se encontra diante de uma questão polêmica.” (FERREIRA, 2010, p. 15)

Quando a linguagem retórico-argumentativa é colocada em prática em uma peça jornalística, ela abre espaço para a exposição de um ponto de vista não observado pelo expectador antes.

...os recursos retóricos, independentemente de seu uso consciente pelo autor, têm papel preponderante no gênero jornalístico aqui analisado, uma vez que permitem corroborar a condução argumentativa do autor, dando a ele condições de expor claramente seu ponto de vista, fundamentando as teses defendidas e conduzindo, assim, o auditório à persuasão. (SILVEIRA; FIGUEIREDO. 2013, online)

A utilização da linguagem retórico-argumentativa no documentário em questão, abrirá espaço para o olhar do público se voltar e compreender a realidade da comunidade surda e a falta de acessibilidade nos conteúdos jornalísticos transmitidos na televisão.

1.4. Jornalismo Humanizado

JORGE K. IJUIM classifica o Jornalismo Humanizado como um processo de realização jornalística baseado nos preceitos do humanismo, isto é, que busca “dar

um voto de confiança ao homem”. A abordagem trabalha com a ideia de retratar o ponto de vista de seres-humanos e não como fontes que são objetos para alcançar a reportagem ideal.

Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina). (JUIM, 2016, online apud BORTOLI, 2016, online).

Essa definição está alinhada com a abordagem do processo de produção do documentário. Desde a definição do tema, por ser um questionamento e uma captação de necessidade ouvida daquele que realmente não ouve, até a realização das entrevistas, que captou as dores, necessidades, anseios e dificuldades de uma comunidade que é deixada de lado pela imprensa tradicional.

...Logo para que um texto permita ao leitor compreender o tema tratado, é necessário que esse leitor esteja incluído, ainda que momentaneamente, naquele que lhe é informado. O texto que visa uma máxima compreensão nessa perspectiva deve fornecer subsídios suficientes, para que, no momento da leitura, o receptor veja o que viu os personagens da matéria, saber sobre suas aparências, ouvir o que eles ouviram, sentir o que eles sentiram etc (MAZINI, 2008, online apud SANTOS, 2019, online)

A Compreensão do telespectador é essencial para que este possa se comover e promover a mudança do tema em questão. De acordo com Mazini (2008) é necessário que este consiga captar a mensagem a ponto de se colocar no lugar daquele que está sendo retratado com o conteúdo. Por isso, o jornalismo humanizado foi ideal para que o telespectador tivesse sua atenção presa no documentário e se simpatizasse com a falta de acessibilidade para surdos na televisão brasileira.

DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

A peça realizada foi um documentário audiovisual com 24 minutos e 52 segundos. A produção conta com entrevistas presenciais, virtuais e imagens de apoio.

A linguagem é retórica-argumentativa, seguindo uma linha coloquial, com o intuito de ser algo compreensível a todos, mas também com o poder de persuasão. Assim, o público consegue entender a verdadeira importância de uma comunicação democrática e acessível.

Trabalhei com quatro fontes principais. A primeira é a Surda Natália Frazão. Ela é administradora de empresas e foi a primeira surda a defender sua tese de mestrado em Libras na USP Ribeirão. Atualmente mestre em educação para surdos, Natália é intérprete e consultora de Libras na TV Cultura, única emissora que disponibiliza a janela de LIBRAS em grande parte da sua programação. A personagem foi essencial para mostrar a visão de alguém que é surda, sofre com falta de acessibilidade e trabalha na prática para mudar isso.

A segunda fonte é Beatriz Canuto. A intérprete de libras da TV Cultura retratou a evolução da acessibilidade na emissora e a representatividade para a comunidade surda na programação.

A terceira fonte é o Lucas Silva, um arquiteto e instrutor surdo que têm sua rotina afetada com a falta de informações em sua primeira língua. O objetivo da entrevista foi entender como é a rotina desse personagem e quais foram as outras maneiras que este conseguiu para se informar (sejam elas se adaptando ao fluxo de informações em português ou encontrando conteúdos em Libras em outros tipos de veículos).

A quarta fonte é a secretária da pessoa com deficiência de São Paulo, Silvia Grecco. Silvia é mãe de Nicholas Grecco, um jovem cego e autista que ficou conhecido por acompanhar os jogos do Palmeiras nos estádios. A secretária nos ajudou a entender as necessidades que a secretaria tenta contemplar às pessoas surdas e como sua visão de mãe do Nicholas agrega às suas propostas ao cargo. O objetivo foi entender se existe uma fiscalização da prefeitura para com as emissoras de

televisão. E se o descumprimento da lei que propõe janela de libras na programação acarreta multas ou outros tipos de punições.

Além dessas fontes, trabalhei com personagens secundários, mas também importantes para a construção da narrativa, como é o caso da intérprete Gessilma Dias, que ficou nacionalmente conhecida após interpretar uma *live* da cantora Marília Mendonça em abril de 2020. A ideia de Marília de acessibilizar o seu repertório musical para que os surdos também pudessem entender suas letras foi precursora e a visibilidade dada por ela na *live* que se tornou a mais vista no mundo, com mais de 3 milhões de acessos simultâneos, abriu portas para que os demais cantores também colocassem intérpretes em seus shows virtuais. Gessilma retratou essa abertura de portas para a comunidade e a importância da internet para o surdo na comunicação em sua primeira língua, a Libras.

Fernanda Panochia, supervisora de acessibilidade da TV Cultura retratou sobre o crescimento do setor na emissora e a importância dele para a comunidade surda. Alexia Alves, coordenadora de produção da showcase também explicou de quais formas a empresa acessibiliza os conteúdos audiovisuais e como funciona esse processo.

Além das fontes entrevistadas, entrei em contato com as emissoras Globo, Band, Record e SBT para entender as dificuldades no processo de acessibilidade do conteúdo, mas não tive retorno. Funcionários da Rede Record declararam não ter uma área de acessibilidade dentro da emissora, mas não quiseram dar entrevista.

Para que pudesse entender um pouco mais o universo virtual dos surdos, entrei em contato com o Guilherme, que é surdi e possui uma página no Instagram com 15 mil seguidores chamada 3 Sinais Libras, onde diariamente ensina aos seguidores 3 sinais em libras. Também contatei a surda Malu Paris, que possui mais de 1 milhão de seguidores no TikTok e fala de forma descontraída sobre os desafios e alegrias que vive sendo surda. Ambos não me retornaram.

Para as entrevistas, foi necessário o material básico de gravação de vídeo. Uma câmera, celular, tripé, microfone e luz de LED foram essenciais. Em algumas imagens utilizei o aparelho OSMO para estabilizar a gravação pelo celular. Além disso,

nas entrevistas com pessoas surdas, foi necessário também o auxílio de um intérprete de Libras para traduzir a minha conversa com o entrevistado.

Houve a intenção de visitar uma emissora de televisão para entender os bastidores e quais são os empecilhos para que uma linguagem inclusiva não seja colocada em prática. A única emissora que autorizou a visita foi a TV Cultura, que mostrou sua enorme estrutura em seu núcleo de acessibilidade.

Para a edição final da peça, foram necessárias duas colaborações. A primeira foi a da designer Victhória Nunes, que colocou a minha roteirização da abertura e dos quadros explicativos em prática e tornou a peça visualmente mais interessante e educativa, além de reforçar o tema por meio de elementos visuais. Além disso, a intérprete Beatriz Canuto foi essencial para a acessibilização do conteúdo para que a comunidade surda também pudesse ser telespectadora do documentário. A janela de Libras é essencial para a inclusão de surdos que desejam assistir qualquer programa audiovisual, bem como o documentário em questão.

ORGANIZAÇÃO NARRATIVA

Conceito do documentário: Escancarar para o público uma realidade que não é problematizada por ouvintes.

Ponto de vista: O olhar do surdo que sofre com a falta de acessibilidade na televisão brasileira.

Espaço-tempo: O documentário abordará a realidade de São Paulo no Século XXI

Formato do documentário: O formato escolhido para trabalhar foi o modo expositivo, por ser didático e se preocupar com a informação que está passando. Por trabalhar com uma perspectiva retórica e argumentativa, faz com que o espectador encontre uma objetividade nos fatos apresentados na peça, bem como não tem um enfoque grande na estética e subjetividade do conteúdo.

Roteiro de gravações:

A ordem de gravações foi estipulada de acordo com a relevância da fonte, isto é, aquelas que forem essenciais para o trabalho, foram entrevistadas primeiros por

terem o poder de guiar os próximos passos da produção. A primeira entrevistada foi Beatriz Canuto, intérprete da TV Cultura. Ela deu um norte para como poderia trabalhar o enfoque do trabalho e abriu um canal para que outras pessoas da emissora pudessem ser entrevistadas.

Depois de Beatriz, conversei com Lucas, um instrutor de libras surdo que contou sobre suas dificuldades de consumir informações em seu primeiro idioma, a libras e como a tv cultura deu essa oportunidade para ele e para toda a comunidade surda.

Por conseguinte, fui até a TV Cultura entrevistar a Natália Frazão, que tem uma visão de pessoa surda e um olhar de consultora de Libras de um canal de televisão aberta. Durante minha visita também conversei com a Fernanda Panochia, supervisora de acessibilidade da emissora.

A narrativa foi criada com base no olhar de Lucas e Natália, que entram na ideia de conceito e ponto de vista do trabalho. Dar visibilidade ao público surdo é representá-lo e dar voz em seu nível máximo. Por conseguinte, entrevistei Silvia, com o objetivo de entender as leis e o cumprimento delas por parte das emissoras. Então falei com Alexia Alves sobre as formas de acessibilidade nos conteúdos audiovisuais. Por último, conversei com Gessilma Dias para entender a relevância da representatividade nas redes sociais para os surdos.

A ordem de apresentação de depoimentos no documentário foi mesclada para que coubessem com coesão de acordo com os tópicos levantados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou um aprofundamento no assunto e, mais do que isso, abriu meus olhos para os avanços que a comunidade surda já teve em relação à acessibilidade na televisão, mas, principalmente, serviu como alerta para a grande maioria dos conteúdos que ainda não é acessível.

Grande parte da comunidade surda é alfabetizada apenas em sua primeira língua, a Libras e, portanto, a janela de libras é a melhor opção para acessibilizar um conteúdo para os surdos. Grandes emissoras como Globo, Record, SBT e Band não possuem a janela na sua grade de programação e, ao buscar entender com as mesmas sobre os motivos da ausência, nenhuma das emissoras soube me dizer sobre a existência de um setor de acessibilidade na emissora e também não têm uma pessoa responsável pelo assunto que pudesse dar uma entrevista, o que acabou dificultando a análise dos motivos pelos quais essas emissoras não têm a janela.

A falta de especialistas teóricos nesse assunto também foi um obstáculo. Busquei encontrar pessoas que estudam sobre a acessibilidade na televisão para surdos, mas não encontrei, então tive que partir para pessoas que trabalham na prática com o tema, tornando o trabalho muito mais voltado para a situação atual do que para como era no passado ou com previsões de como será no futuro.

Foi interessante ouvir o ponto de vista semelhante dos entrevistados surdos Natalia e Lucas de que quando eram pequenos, não tinham programas que eles entendessem e dependiam dos pais para conseguir assistirem televisão. Não poder assistir desenhos e programas infantis por não entender o que estava sendo falado é algo que, apesar de sempre ter proximidade com crianças surdas, eu nunca havia parado para pensar. Hoje, graças a TV Cultura, essa realidade felizmente mudou, mas continua longe de possibilitar as crianças surdas de assistirem qualquer coisa da programação.

Desvendar as formas que a internet vem ocupando o espaço da televisão para esse público foi curioso. Além das novas formas de consumir conteúdos curtos e educativos ou inclusivos pelas redes sociais, como o *TikTok* e o Instagram, um ponto crucial para que o assunto virasse pauta dentro e fora da internet foram as lives

durante o período de pandemia que contaram com intérpretes de Libras. Percursora na ideia, a memorável cantora Marília Mendonça fez história contando suas canções em Língua brasileira de sinais e abriu portas para que outros cantores fizessem o mesmo. A representatividade da atitude foi de extrema importância para a sociedade, que passou a entender melhor a necessidade da janela de libras.

O resultado do trabalho foi muito gratificante. Poder dar voz, com as mãos, à uma comunidade invisibilizada, é o primeiro passo para uma mudança necessária e urgente na comunicação audiovisual. A esperança é de poder conscientizar a sociedade em relação à existência do problema e da necessidade imediata de solução.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BORTOLI, Suzana. **Ijuim, Jorge kanehide sobre o jornalismo Humanizado**. Revista ALTERJOR. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 07 Volume 01 Edição 13. São Paulo. Janeiro-Junho de 2016 Disponível em: <file:///C:/Users/Giulia/Downloads/114108-Texto%20do%20artigo-210202-1-10-20160507.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2020

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, mar 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 27 set. 2020.

CASTILHO, Leonardo. **OS SURDOS têm voz**. Realização de Drauzio Varella. Intérpretes: Leonardo Castilho. S.I: Drauzio Varella, 2017. (3 min.), son., color. Legendado. Série Cabine. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bcq6GPyMfPo&feature=emb_title. Acesso em: 24 set. 2020.

CRISTIANO, Almir. **Surdo-Mudo: nem todo surdo é mudo**. Libras. S/L, 2018. Disponível em: <https://www.libras.com.br/surdo-mudo>. Acesso em: 22 set. 2020.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA, B. L. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino)

FRANCO, A. M.; POLATI, S. **Desenvolvimento visual: como os bebês enxergam, quais brincadeiras estimulam a visão e quando os pais devem se preocupar**. *Visão na Infância*, 2016. E-book. Disponível em: https://visaonainfancia.com/wp-content/uploads/2016/08/eBook_desVisual_acessivel-leitura-de-voz.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

GESUELI, Z. M. **Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão**. Educ Soc., Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006.

Globo Esporte: HISTÓRIA do Nycolas EMOCIONOU o DÉRBY PAULISTA. Realização de Comunidade Palmeiras. São Paulo, 2018. (5 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXe9oM342R4> Acesso em: 10 nov. 2021.

Globoplay. SILVIA Grecco leva prêmio "Fifa Fan Award". São Paulo, 2019. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7946289/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>. Acesso em: 22 set. 2020.

JESUS, Jordane; RESENDE, Vitor. **A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia**. Minas Gerais. 2013. Online. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia> Acesso em: 05 nov 2020.

LAHIRI, Supratik; WIELAND, Jeffrey. **Facebook Live mais acessível com opção de Closed Caption**. Facebook. S/L, 2017. Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2017/06/facebook-live-mais-acessivel-com-opcao-de-closed-caption/>. Acesso em: 22 set. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. [4. ed.] / elaboração profª Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p. : il.

MOURA, M. C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papyrus. 2005.

OLIVEIRA, A. S. C. L. **Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012.

PORTARIA Nº 310, de 27 de junho de 2006. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/442-portaria-310>. Acesso em: 22 set. 2020.

PRADO, CAROL; ORTEGA, ROGRIGO. G1. **Conheça a libras, língua de sinais, sua origem no Brasil e em que pé está sua aplicação.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/01/03/conheca-a-libras-lingua-de-sinais-sua-origem-no-brasil-e-em-que-pe-esta-sua-aplicacao.ghtml>. Acesso em: 04 nov. 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA- CASA CIVIL. **Lei nº 10436, de 24 de fevereiro de 2002.** Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 22 set. 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Brasília, 06 jun. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 02 nov 2020.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Regiane. **A humanização da notícia.** Pedro Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/a-humanizacao-da-noticia/> Acesso em: 23 nov. 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Currículo da Cidade: Língua brasileira de sinais.** São Paulo: 2019. (Educação Especial). 168 p.

SILVEIRA, Ana Claudia; FIGUEIREDO, Maria Flávia. **A retórica no jornalismo: o caso do artigo opinativo.** Uberlândia. 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1145.pdf Acesso em: 03 nov 2020.

SKILIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. 192 p.

STUMPF, M. R. **Transcrições de língua de sinais brasileira em sign writing.** In: LODI, A.C.B, HARRISON, K.M.P., CAMPOS, S.R.L; TESKE, O. (org.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

TV CIDADE DIGITAL (S.L). **Surdos cobram acessibilidade nas TVs e pedem respeito à Lei.** 2020. Disponível em: <https://www.librasol.com.br/surdos-cobram-acessibilidade-nas-tvs-e-pedem-respeito-a-lei/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

APÊNDICE I – AUTORIZAÇÕES DE USO DE IMAGENS



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Natalia Francisca Fraga, portador do RG N° 32 303 727 6 e CPF N° 345 501 388 07, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 19 de novembro de 2021.

Natalia Francisca Fraga

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Alexia Ramos Alves, portador do RG
Nº 36521057-2 e CPF Nº 419.039.528-59, autorizo,
prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos
termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade
Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos
– em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV
Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles
eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta
autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 11 de novembro de 2021.

Alexia Ramos Alves
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Genilma Dias dos Santos Ferreira, portador do RG
 Nº 3189873 e CPF Nº 661.100.331-20, autorizo,
 prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos
 termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade
 Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos
 – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV
 Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles
 eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta
 autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
 juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 22 de novembro de 2021

Genilma Dias dos Santos
 Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

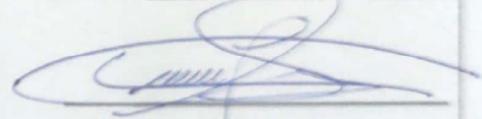


AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu LUCAS FERREIRA DA SILVA, portador do RG N° 34993958-5 e CPF N° 321.091.888-04, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 23 de novembro de 2021.


Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

